

TEIXEIRA DE PASCOAES ENTRE A TERRA E O CÉU: MEDITAÇÕES BREVES*

Para o Prof. Eduardo Soveral

«Ah, quando, em mim, eu for minha esperança,
Meu próprio ser, divino e redimido.
E minha sombra apenas for lembrança
Bem longe, em outro mundo transcendente,
À luz sem sol jamais anoitecido,
Serei contigo, amor, eternamente.»¹

Fiel a uma concepção do mundo e da vida, o pensamento de Teixeira de Pascoaes afigura-se-nos próximo do que designaremos por divagação implicante sobre o seu próprio eu, sobre o todo e o *Tudo* que o envolve, deles se sentindo inseparável, porque parte integrante, numa dimensão de comunicação cósmica e divina.

Um pensamento situado concerteza que o foi, mas a perturbação existencial sentida no mais profundo do seu ser, consequência do seu questionamento interior e plasmada na sua obra, essa, supera o tempo. A poesia de Pascoaes revela um artista, um génio, e estes estão sempre para além do seu tempo.

* Teixeira de Pascoaes entre a Terra e o Céu era o tema que gostaria de ter desenvolvido para incluir nestas actas, o que não foi possível levar a cabo agora, pois todo o tempo de que dispus, foi dedicado à organização deste colóquio **a que, de forma devotada e prazerosa nos empenhamos**. A curto prazo este tema será por nós tratado e publicado. Por agora ficam estas meditações breves, com humilde tributo ao Poeta - Pensador da cidade onde também tivemos o privilégio de ter nascido.

¹ Teixeira de Pascoaes, *Elegias*, Renascença Portuguesa, Porto, 1912.

Envolvido na atmosfera espiritual da cultura portuguesa e universal, numa profunda e permanente e inquietação metafísica e religiosa, o Poeta-Pensador procurou encontrar respostas para as suas interrogações sobre o sentido da vida e orientação espiritualista, através de uma obra multimoda, onde as incidências filosóficas e religiosas convergiram na iluminação de um pensamento que, sendo português, não deixou de ter o óbvio e natural alcance universalista pela sua patente dimensão filosófica existencial.

Afecto ao princípio de uma espiritualidade livre e criadora, o Poeta Pensador acreditava acima de tudo na tendência eterna e superior da alma humana. Seguindo um itinerário de inquietação que é o do Poeta e do metafísico, podemos nele encontrar uma interrelação radicada numa arqueologia destes dois pontos de partida – o do Poeta e do metafísico.

Em *O Homem Universal* escreveu o poeta-filósofo: “A palavra Filosofia é muito ampla, desde que a libertemos dos filósofos de profissão, esses arquitectos do pensamento, desenhadores de casa sem inquilino e cidades em abstracto”, logo acrescentando: “cabemos todos lá dentro, sábios e poetas”². Teixeira de Pascoaes acreditava que ser poeta ou sábio era também ser sábio ou poeta.

Se na cultura portuguesa a relação entre poesia e filosofia se afigura inequívoca, Teixeira de Pascoaes é um dos maiores exemplos dessa umbilical relação.

A inspiração genuína que interrogava o Homem e a Natureza na espontaneidade e grandiosidade da sua alma, era preenchida por diversos horizontes, sendo entre eles os mais visíveis e concretos, o Marão e vale do Tâmega. Neles, o pensador encontrou aquela inspiração que o levou a procurar aproximar-se do “ser interior a tudo”, acreditando que “o homem, sendo o mundo”, o excede “para o definir, ou abranger em pensamento”, acreditando que “o mundo é o homem feito de terra e céu, de física e metafísica e de outros elementos ignorados, não do nosso ser, mas da nossa inteligência”³.

² P. 38.

³ *Canção de uma Sombra*, in *Sombras, Obras Completas*, Vol. III, Bertrand, Lisboa.

É inegável que a obra do Poeta patenteia o seu projecto silencioso de renunciar ao mundo da exterioridade e de se acolher ao imenso e recôndito mundo da interioridade, numa atitude espontânea da sua alma de poeta e “ave metafísica”, mas onde a atitude de natureza nihilista não teve relevo.

Para o seu fecundo e admirável recolhimento, foi decisiva “a terra funda e fundo rio que ergue as asas e sobe em claro voo”⁴, as paisagens da serra onde o Marão se avista, fazendo dele uma espécie de *poeta natural*, solitário mas também solidário com as *coisas* e os homens, procurando encontrar um caminho de *redenção* onde uma essencial atitude e preocupação humanistas o aproximam de um franciscanismo que muito admirou.

Entre as perspectivas positivistas, com maior incidência e adeptos no centro e sul do país, e uma filosofia de pendor espiritualista, Teixeira de Pascoaes inclinou-se de forma clara e *natural* por esta segunda via, acolhendo-se no seu mundo de interioridade, mergulhando no seu mistério íntimo, perturbado pela “sombra do infinito”, o seu desafio e fascínio maior. Pensamento inquieto, permanente estado místico, alimentou-se sobretudo de realidades invisíveis com perfil etéreo e silencioso, com a ansiedade e tensão do seu ser espiritual, perseguindo o caminho que o seduziu, numa visceral e congénita relação entre o Poeta-Pensador, o Homem, o Mundo, com especial incidência no mundo e na terra da sua infância, com suas lembranças, ritmos e fortes reacções afectivas.

A busca incessante na procura de si, que passa e se dilui, a ausência e presença que ama, conferem-lhe especial existência - uma existência saudosa. Por isso, consciente de que tudo se transforma, submerge e morre, a sua alma sensível de poeta, vislumbrou fantasmas de alguém, vagas presenças de ninguém, mas que haviam sido, e preenchiam a sua realidade.

A saudade de um não ser, de outro que foi, as saudades de si, não são contudo aniquiladoras, mas sim a reminiscência de um outro que foi e já não é, mas onde vê o brilho de uma eterna luz.

A sua ansiedade etérea que arde e o ilumina, atormentado com o indefinido, é pois parte do seu sonho de eternidade e da imensidade que o ultrapassa e transcende.

⁴ Idem, *ibidem*, p. 33.

Perante os grandes temas da condição humana com os quais se sentiu confrontado, e face ao apelo do mistério e aos enigmas perturbantes do seu espírito, Teixeira de Pascoaes permaneceu na dualidade entre o mundo sensível e o que o transcende, perscrutando e inquirindo sobre a vida e sua sombra. A procura de uma *divina essência*, necessidade angustiada do seu pensamento, teve como medida uma atitude estóica, mas também e sobretudo franciscana, numa união fraterna com a Natureza e a Terra onde afinal Pascoaes viu a sombra de Deus. Confiança no Espírito e simpatia pelo Eterno, acompanhadas pela sua visão do mistério e da luz, deram voz à Esperança de uma alma *com vivente*, com tudo e o Todo que amou, mundividência sem a qual Teixeira de Pascoaes não teria sido o que foi e é.

A infundável curiosidade, a angústia face aos silêncios, a mudez da realidade e seu reflexo eterno, base da sua especulação e ansiedade metafísica, sendo envolventes fecundos do seu pensamento e obra, mais do que reflexos, foram condições essenciais para a sua sede de Luz. E, se a natureza e o mundo onde as antinomias se jogam provocam dor, Teixeira de Pascoaes não se deixou por esta dominar, com-vivendo com o que julgou ser uma espécie de lei da vida.

Ao Pensador-Filósofo, ao Poeta, *essa ave metafísica*, como lhe chamou Sant'Ana Dionísio⁵, acudiram razões múltiplas, para dores múltiplas, sendo entendidas não como uma fatalidade mas como a esperança de uma alma insatisfeita e ávida de infinito, onde a dor tem uma função construtiva.

A tragédia metafísica sentida de forma singular pelo autor de *Marânus* e dada a conhecer de modo filosófico e artístico, revelam a personalidade de quem na fidelidade à verdade e vida, demonstrou uma postura moral e ética de valor incontornável, onde os eternos problemas humanos foram lúcida e corajosamente enfrentados e pensados.

Movido pelo chamamento do infinito, sempre *esperando* pela Esperança, o exercício possível de liberdade perseguido por Teixeira de Pascoaes foi o de dar passos largos para a sua pacificação interior, procurando insistentemente e de forma sincera respostas para a falta de definição, de acabamento, isto é, para o que designou como “nítido perfil” do Homem, feito de indefinição, indecisão e hesitação, mas que não deixa de ser “criatura que se lembra”⁶.

⁵ In, *O poeta, essa ave Metafísica*, Lisboa, 1953.

⁶ In, *Regresso ao Paraíso*, p. 142.

Em *Sempre* escreveu Pascoaes meditando:

“Ouço uma voz dizer, em mim:...

E sinto que essa voz não é só minha; eu sinto

Que dimana de tudo o que me cerca e tem

Ermo perfil, nas trevas, indistinto”⁷.

Maria Celeste Lopes Natário
Fac. Letras da Universidade do Porto

⁷ *Meditando*, p. 122.

